Vigésima carta

> **Sumário.** Solenidade do Ângelus. — O sino. — Suas misteriosas belezas. — Uma página de Chateaubriand. — As sinetas na Antiguidade: entre os judeus; entre os gentios. — Usos civis. — O mercado de peixe; anedota. — Chamado ao trabalho, ao repouso, à oração e aos banhos. — Poder que os romanos atribuíam ao som das sinetas. — Superstições. — Origem do sino. — São Paulino, bispo de Nola. — Testemunhos de santo Isidoro e de Honório de Autun. — Sinos no Ocidente e no Oriente. — Muito difundidos no tempo de Carlos Magno. — Traço histórico.

12 de julho.

Meu caro Frederico

Prometi falar-te da solenidade do Ângelus. Antes de tudo, devo lembrar-te que o Ângelus se compõe de duas partes essenciais: a oração e o som do sino. Conhecemos a primeira; resta estudar a segunda.

Começo por um fato muito conhecido e, no entanto, muito pouco notado. Enquanto as outras orações, públicas ou privadas, se dizem sozinhas, em voz alta ou baixa, o Ângelus, por um privilégio único, reza-se e deve sempre rezar-se ao som do sino. Assim o quer a Igreja; e isso sob pena de não ganhar as indulgências ligadas a essa oração.

Ora, de todos os instrumentos de música, o mais majestoso é o sino. Justamente chamado a trombeta da Igreja militante, três vezes ao dia o sino ressoa sobre o mundo. Sua grande voz une-se à voz do homem para repetir a todos os ecos os admiráveis mistérios cuja lembrança o Ângelus perpetua.

Já que o sino é o acompanhamento obrigatório do Ângelus, a quem dá uma solenidade excepcional, entra, como vês, no plano de nossa correspondência falar-te dele com algum pormenor. Faço-o tanto mais de bom grado quanto, neste século de ignorância em matéria de religião, um número excessivo, mesmo de cristãos, só conhece do sino o ruído que faz. Sua beleza, sua origem, sua história, seu poder, suas funções, suas harmonias com a humanidade são para eles letra morta. Daí vem que ouvem o sino como ouvem um tambor. Outras são as impressões de quem conhece o sino.

Lê primeiro esta página de Chateaubriand.[1]

>

> *É primeiramente, parece-nos, coisa assaz maravilhosa ter achado o meio de, por uma só martelada, fazer nascer no mesmo minuto um mesmo sentimento em mil corações diversos, e de ter forçado os ventos e as nuvens a carregarem-se dos pensamentos dos homens. Depois, considerado como harmonia, o sino tem indubitavelmente uma beleza de primeira ordem: a que os artistas chamam o Grande... O ouvido pode ser enternecido pelo som de uma lira, mas não será tomado de entusiasmo como quando o raio dos combates o desperta, ou quando um pesado repique proclama, na região das nuvens, os triunfos do Deus das batalhas.*

> *Contudo, não é esse o caráter mais notável do som dos sinos. Esse som tem uma multidão de relações secretas conosco. Quantas vezes, na calma das noites, os dobres de uma agonia, semelhantes às lentas pulsações de um coração que expira, não detiveram a mão de um culpado? Quantas vezes não chegaram até o ateu que, em sua vigília ímpia, ousava talvez escrever que não há Deus! A pena lhe escapa da mão: escuta com pavor o dobre da morte, que parece dizer-lhe: Não há, então, Deus? Estranha religião que, ao simples golpe de um bronze mágico, pode abalar o ateu e fazer cair o punhal das mãos do assassino.*

> *Sentimentos mais doces prendem-se também ao ruído dos sinos. Quando, com o canto da cotovia, pela época da ceifa dos trigos, se ouvem, ao romper da aurora, os pequenos repiques de nossas aldeias, dir-se-ia que o anjo das colheitas, para despertar os lavradores, suspira sobre algum instrumento dos hebreus a história de Séfora ou de Noemi. Parece que, se fôssemos poetas, não desdenharíamos esse sino agitado pelos fantasmas, na velha capela da floresta; nem o que um religioso temor balança em nossos campos para afastar o trovão; nem o que se toca à noite, em certos portos de mar, para dirigir o piloto por entre os escolhos.*

> *Os repiques dos sinos, em meio às nossas festas, aumentam a alegria pública. Nas calamidades, ao contrário, esses mesmos ruídos tornam-se terríveis. Os cabelos ainda se arrepiam na cabeça, à lembrança desses dias de morte e de fogo, ressoando dos clamores do rebate. Mas, numa sociedade bem ordenada, o ruído do rebate, lembrando uma ideia de socorro, fere a alma de piedade e de terror, e faz assim correr as duas fontes das sensações trágicas.*

> *Tais são mais ou menos os sentimentos que fazem nascer os repiques de nossos templos: sentimentos tanto mais belos quanto neles se mescla uma lembrança do céu. Se os sinos estivessem presos a qualquer outro monumento que não as igrejas, perderiam a sua simpatia moral conosco. Assim, por mil vozes secretas, uma sociedade cristã corresponde-se com a divindade, e suas instituições vão perder-se misteriosas na fonte de todo mistério.*[2]

Curioso como te conheço, meu caro Frederico, estou certo de que estás impaciente por saber a quem o mundo deve o mais magnífico instrumento de música cujo som jamais feriu o ouvido humano. Como todas as coisas grandes e belas, é à Igreja que devemos o sino. Os judeus e os pagãos conheceram as sinetas, nada mais. Em sua adorável sabedoria, o Verbo encarnado reservava à sua esposa a glória de achar um instrumento que, por sua sublime beleza, estivesse em harmonia com os augustos mistérios da nova aliança.

Considerado em si mesmo, o sino é uma verdadeira maravilha da arte. É tão notável pela pureza de suas linhas e pela justa medida de suas proporções quanto pela precisão de suas notas e pela justeza de seus acordes. Da pequena sineta que a mão da criança agita ao pé do altar até o bordão de Notre-Dame de Paris, que inesgotável variedade de dimensões não se pode admirar nos sinos! Que diferença nas condições do metal! Que diversidade nos relevos com que tão bem se sabe embelezá-los. Mas, em todos, a forma permanece invariavelmente a mesma, tanto é verdade que é nela só que consiste toda a maravilha desse instrumento.[3]

Que podiam ser, ao lado de nossos grandes sinos, os instrumentos de bronze entre os antigos? Esses instrumentos chamavam-se *tintinnabula*. Como o próprio nome indica, eram apenas instrumentos leves, cujo som nada tinha de retumbante nem de solene.

O *tintinnabulum*, ou a sineta, que se pode chamar o sino rudimentar, é nomeado pela primeira vez no livro do Êxodo:

> *A orla inferior da túnica de Aarão — diz o Senhor a Moisés — será rodeada de campainhas de ouro, para que todos o ouçam quando entrar no santuário.*[4]

Em número de setenta e duas, essas campainhas tinham por fim lembrar aos filhos de Israel que a lei lhes fora dada ao som de trombetas.[5]

Do Oriente, as sinetas passaram ao Ocidente. Entre os gregos serviam para diferentes usos da vida civil, entre outros para anunciar o mercado de peixe. A propósito, Estrabão conta a divertida anedota que segue:

> *Um dia, um músico ambulante exercia a sua arte na ilha de Milasso, vizinha da Capadócia, quando se ouviu o som de uma sineta. Imediatamente todos fogem e correm para o mercado de peixe. Só resta um surdo. O músico apressa-se em agradecer-lhe porque, apesar do som da sineta, que fizera fugir todo o mundo, ficara sozinho. "Tocou a sineta?", pergunta-lhe o seu único ouvinte. À resposta afirmativa do músico, levanta-se e vai-se como os outros.*[6]

Em outros lugares serviam-se de sinetas para chamar ao trabalho, às refeições e à oração.

Encontram-se entre os romanos os mesmos usos civis e religiosos. A abertura dos banhos anunciava-se ao som de uma sineta. O imperador Augusto mandou pendurá-las no cimo do templo de Júpiter Capitolino. Plínio refere que as haviam posto no túmulo de Porsena. Agitadas pelo vento, essas sinetas ouviam-se de bastante longe.[7]

A presença de sinetas no túmulo de Porsena não é exceção. Fundados numa antiga tradição, os romanos atribuíam à sineta a virtude de afastar os maus espíritos da morada dos mortos e até da morada dos vivos. Eis por que as tocavam nos funerais e em seus sacrifícios. Essa tradição tinha um fundo de verdade, que a Igreja fará reaparecer em todo o seu esplendor.[8]

Acreditavam também que os mágicos podiam, por seus encantamentos, transtornar o curso dos astros e fazer cair a lua de seu carro. O meio de salvá-la de tal queda era agitar sinetas.[9]

Segundo eles, a razão é que os demônios têm medo do barulho.[10]

Vês, meu caro amigo, que, sendo as sinetas conhecidas desde toda a Antiguidade, só faltava um passo para chegar aos sinos. Esse passo não foi dado nem pelos judeus nem pelos gentios. Essa glória estava reservada à Igreja. Mas passaram-se vários séculos antes que ela acrescentasse esse novo florão à sua coroa. Durante a época das perseguições, os sinais de reunião de nossos pais eram, segundo toda a verossimilhança, silenciosos, a fim de não despertar a atenção dos pagãos.

Depois de Constantino, serviam-se de trombetas para chamar os cristãos à oração. A Igreja do Oriente usava duas tábuas, que se batiam uma contra a outra. Esse uso durou até o fim do século IX, época em que os sinos foram introduzidos no Oriente.[11] Desapareceram com o domínio dos turcos. Desde então, salvo por exceção, serve-se de novo de tábuas, como os próprios turcos do alto de seus minaretes.

Quanto à invenção dos sinos e à sua introdução na Igreja do Ocidente, não possuímos, sobre esse ponto da história, documentos absolutamente certos. Não precisas espantar-te. Contentes de fazer obras-primas para a glória de Deus, os cristãos de outrora não tinham a menor vontade de buscar os louvores dos homens entregando o seu nome à fama. Já o disse: mal se conhece o nome de dois ou três dos numerosos arquitetos cujo gênio cobriu a Europa de nossas esplêndidas catedrais.

Uma coisa só está bem estabelecida: é a origem dos sinos. Nasceram na Campânia, província napolitana, e muito provavelmente na cidade de Nola. Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha, que

vivia no século VI, exprime-se assim:

> *O sino, campana, tira o seu nome de uma província da Itália, onde foi inventado.*[12]

No século XII, o sábio Honório, bispo de Autun, confirma o testemunho de santo Isidoro:

> *Os sinais — diz ele — que agora se dão por sinos, davam-se outrora por trombetas. Os sinos foram inventados primeiro em Nola, cidade da Campânia: daí o seu nome. Os maiores chamam-se campanæ, do nome da província da Campânia. Os menores chamam-se nolæ, do nome da cidade de Nola, na Campânia.*[13]

Resumindo toda a tradição, o célebre José Catalani, comentador autêntico do Pontifical romano, exprime-se nestes termos:

> *É o sentimento unânime de todos os antigos autores eclesiásticos que os sinos têm a sua origem na Campânia, província de nosso reino de Nápoles.*[14]

Mas a que época remonta a origem dos sinos? Ninguém pode dizê-lo. Por mais curioso que sejas, é preciso resignar-te. Nunca saberemos o dia em que o inventor do sino, reunindo em sua obra-prima a harmonia e o poder, impôs eterno silêncio a todos os *tintinnabula* da Antiguidade e assegurou à sua descoberta uma rica sucessão de glória nos séculos vindouros.

Antes do século VI, o uso dos sinos estava difundido na Igreja latina. Temos a esse respeito o testemunho de Bento XIV. É, pois, erro atribuir, como alguns, a invenção dos sinos ao papa são Sabiniano, que vivia no século VII (604).[15]

Os sinos eram muito conhecidos no tempo de Carlos Magno. Falando da solicitude desse grande príncipe pelas coisas eclesiásticas, o monge de São Galo refere o seguinte fato:

> *No tempo de Carlos Magno vivia um hábil fundidor, que fez um excelente sino. O imperador, ao ouvi-lo, ficou tomado de admiração. O fundidor prometeu-lhe fazer outro muito mais belo se, em vez de estanho, o príncipe lhe desse cem libras de prata. A soma foi-lhe logo contada; mas esse mau homem pôs estanho em vez de prata e, em pouco tempo, apresentou novo sino a Carlos Magno. Agradou ao príncipe, que mandou pôr-lhe o badalo e içá-lo ao campanário.*

> *O guarda da igreja e os outros capelães esforçaram-se por tocá-lo; mas em vão. Vendo isso, o fundidor toma a corda presa ao badalo e põe-se a puxá-la. Mas eis que o badalo se desprende, cai-lhe sobre a cabeça e o mata. Acha-se a prata, e Carlos Magno manda distribuí-la aos mais pobres de seus oficiais.*[16]

Bem mal adquirido não aproveita. Verdadeiro no tempo de Carlos Magno, esse provérbio não o é menos hoje. Todo teu.

Notas

[1] Escrevendo pouco depois da Revolução, quando os sinos haviam emudecido, o autor pôs os seus verbos no passado; nós os pomos no presente.

[2] *Génie du Christ.*, IV parte, *Du culte*, c. I.

[3] Ver *Symbolisme des cloches*, in-8.º, p. 12.

[4] Ex 28, 33-34.

[5] Corn. a Lap. in *Eclo* 45, 10. Ainda hoje, em certos ritos orientais, a casula do sacerdote é ornada de campainhas.

[6] Lib. XIV; Plutarch., lib. IV, *Symposiacon*, quæst. 5.

[7] *Sueton, In August.; Plin., Hist., lib. XXXVI, c. XIII.*

[8] *Antiquitus apud Ethnicos, cum quis e vita discedebat, aera, campanæve pulsabantur... campanarum sono spectra et dæmonum ludibria credebant averti. (Angelo Rocca, c. III, p. 161.) Rursus, aquam tangit, Temese aquæ concrepat aera Et rogat ut textis exeat umbra suis. Cum dixit novies : Manes exite paterni, Respicit, et pure sacra peracta putat.* (Ovid., Fast., lib. V.) — Têmesa, célebre por suas minas de bronze ou de latão, hoje Santa Lúcia, cidade da Calábria.

[9] *Cantus, et e curru Lunam deducere tentat, Et faceret, si non aera repulsa sonent. (Tibull.) Aera laboranti poterunt succurrere Lunæ.* (Juvenal.)

[10] *Per campanarum itaque sonitum, malos infestosque spiritus repelli aut coerceri credebant Gentiles, quod Manes, ut ait Hieronymus Magius, silentium amare crederentur; unde et Silentes a poetis dicerentur, ut ex Ovidio constat, qui in V. Fastor. lib. ait : Mox etiam Lemures animas dixere Silentum, Umbra cruenta Remi visa est assistere lecto, Atque hæc exiguo murmure verba loqui.* (Apud Angelo Rocca, ibid.)

[11] *Duranti, De Ritib. Eccl. cath., lib. V, c. XXII, p. 175, édit. in-8.*

[12] *Campana, a regione Italiæ nomen accepit, ubi primum ejus usus repertus est.* (Origin., lib. XVI, c. XXIV.)

[13] *Signa quæ nunc per Campanas dantur olim per Tubas dabantur. Hæc vasa primum in Nola Campaniæ sunt reperta: unde sic dicta. Majora quippe vasa dicuntur Campana, a Campaniæ regione; minora Nolæ, a civitate Nola Campaniæ.* (Apud. Duranti, De Ritib, etc., lib. I, c. XXII.)

[14] *Veterum una est scriptorum omnium ecclesiasticorum sententia, suam campanas ducere originem a Campania nostri regni neapolitani provincia.* (In Pont. Rom. Comment.)

[15] *Dici potest, tintinnabula ante sæculum sextum ab Ecclesia occidentali usu recepta fuisse, quum ex vita sancti Columbani abbatis, quæ seculo sexto exarata fuit, ac postea a patre Mabillone in lucem edita, deprehendantur, ipsum sub mediam noctem pulsante campana ad templum se contulisse, cæterosque monachos somno excitatos adt emplum pariter convenisse.* (Instit. Eccl. XX, n. 2, et Dubium, 6; Bona, Rerum Liturg., lib. I, c. xx, p. 194.)

[16] *Liber de Ecclesiastic. cura Car. Magni., cxxxi.*

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:23 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:23 by Admin